

**“UM EXEMPLAR PRECIOSO (...) DA RAÇA, DO MEIO E DO MOMENTO”:  
AS BIOGRAFIAS DE FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN E O MITO DO  
BANDEIRANTE (1878-1978)**

**RENILSON ROSA RIBEIRO\***

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sobre o historiador-diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro (1816-1878), produzidas pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) ou a ele de alguma forma vinculados, através de textos biográficos (necrológicos, memórias, ensaios bibliográficos, prefácios, biografias entre outros) nas páginas da sua *Revista*, jornais e livros entre os anos de 1878, data de seu falecimento, e 1978, momento da comemoração do centenário de sua morte.

Em outras palavras, pretendemos desenvolver um estudo sobre apropriações feitas pelo IHGB da figura de Varnhagen na construção de uma tradição historiográfica brasileira, tendo o grêmio como principal protagonista. Biografá-lo era forma de arrogar para si um lugar de produção na história da História do Brasil, legitimando a importância do IHGB como marco fundador de uma prática historiográfica e também de uma história ensinada nos bancos escolares.

Neste sentido, abordaremos a vinculação da sua imagem de intelectual à figura de um bandeirante – um desbravador de arquivos, bibliotecas e cartórios que desenhava os caminhos e fronteiras da escrita de uma história geral do Brasil no século XIX.

\* \* \*

Toda biografia de cunho essencialista e apologética que se preze estabelece como momento fundante de um indivíduo a sua origem, o seu *ethos*. Há uma obsessão pela árvore genealógica e pelo lugar de nascimento, elementos determinantes na configuração da identidade – as marcas – do sujeito. Definir a família e a nacionalidade, por esta lógica, é tarefa crucial para a constituição do perfil e da cronologia do biografado. Nesta atividade de enquadramento de memória a geografia e genealogia tornam-se importantes aliadas (GILROY, 2007: cap. 3).

Além disso, é preciso inseri-lo na linha do tempo da história da humanidade, constituir o cenário de seu nascimento – o contexto histórico. Explicar o porque daquele fato à luz dos

grandes movimentos do mundo na política, economia e cultura. O sujeito seria o espelho de sua época, dos dilemas do seu tempo.<sup>1</sup>

As biografias de Varnhagen não fugiram a esta regra. Houve por parte dos construtores de sua memória a preocupação em demarcar sua origem, fazendo a sua genealogia e fixando o seu lugar no espaço (nacional). Repetidamente a sua identidade germânica e paulista foi lembrada e celebrada, credencial que lhe garantiu algumas características de personalidade e intelecto inatas. Seus talentos, comportamentos e maneiras de ver o mundo se explicavam a partir desta marca – ter sangue germânico e ter nascido em São Paulo, terra dos bandeirantes. Além disso, carregava a força da nobreza, uma herança de poder e *status*.

A descendência germânica paterna e portuguesa materna – dos descobridores e colonizadores do Brasil, somada aos atributos da sina de nascer em São Paulo, logo um desbravador por natureza, segundo seus biógrafos, definiu o destino do “pequeno fundidor” Varnhagen. Falar de sua história de vida era recuperar essas credenciais identitárias. Significa celebrar um modelo de brasileiro desejado – masculino, branco, cristão (católico) e europeu. Ele incorporaria no corpo e na alma as marcas da civilização. Era uma forma de mostrar quais eram as raízes históricas a serem valorizadas.<sup>2</sup>

Em seu necrológio na Sessão Magna Aniversária de 1878, Joaquim Manuel de Macedo registrou com muita precisão a sua origem germânica e paulista, destacando que o ferro da fundição de Ipanema havia moldado sua personalidade rígida:

Nascera em S. João de Ipanema, na provincia de S. Paulo, sendo filho do então tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, administrador da fabrica de ferro Ipanema; de nobre família allemã, e nascido e embalado em ninho de ferro, teve em sua natureza a combinação harmônica da constancia inflexivel do germanico no culto de uma idéa com dureza fortíssima do metal do seu berço (MACEDO, RIHGB, t. 41, 1878: 483).

---

<sup>1</sup> Para uma crítica da relação autor-texto-contexto na história intelectual, cf. AZEVEDO, in: RAGO; GIMENES, 2000.

<sup>2</sup> Embora o IHGB tivesse a presença de uma forte corrente romântica indianista nos primeiros tempos, deve-se destacar que o tipo de índio cultuado tinha características européias, seguindo seus ideais de bravura e civilização. Conferir: SCHWARCZ, in: NOVAES, 2000, p. 349-393.

A nobreza de berço, segundo o orador, justificaria as condecorações e títulos nobiliárquicos recebidos em vida, bem como o fato de “ser astro esclarecedor da história da pátria, o mais digno sucessor de Rocha Pitta, e muito mais preciso do que este em factos e datas, graças ao tempo, às circunstâncias e às condições em que viveu.” (MACEDO, RIHGB, t. 41, 1878: 483).

A esta nobre origem, Capistrano de Abreu acrescentou a herança bandeirante, digna dos paulistas, habituados ao desconhecido, às expedições em busca de tesouros – no seu caso, documentos para a construção do arquivo da nação.

Filho da nobre Província de São Paulo, iluminava-lhe a frente a flama sombria de Anhangüera. O desconhecido atraía-o. Os problemas não solvidos o apaixonavam. Códices corroídos pelo tempo; livros que jaziam esquecidos ou extraviados; arquivos marcados com o selo da confusão, tudo viu, tudo examinou. Pelo terreno fugidivo das dúvidas e das incertezas caminhava bravo e sereno, destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade (ABREU, [1878] 1975: 82-83).

Por amor à verdade, o “destemido bandeirante” – abrasado pelo fogo da conquista, lembrou Capistrano de Abreu, percorreu a província de nascimento em peregrinação sentimental e intelectual, cumprindo o destino do “historiador que investiga cartórios, compulsas as bibliotecas dos mosteiros, examina os padrões de outras eras, colhe glossários e tradições, e nas localidades comenta e verifica os dizeres de Taques e Frei Gaspar da Madre Deus.” (ABREU, [1878] 1975: 82-83).

Segundo o historiador cearense, as suas expedições à caça de documentos não se limitaram às fronteiras do Império, virando uma missão patriótica

Voltando a Portugal, nomeado adido à nossa legação, não arrefece um só instante. Na Revista do Instituto pululam as memórias que envia, como os documentos que oferece, e quase não há sessão em que seu nome não apareça. De frente com essas ocupações, que satisfariam outros menos ambiciosos, ou fatigariam outros menos diligentes, leva os encargos de editor (...)

Em Madrid, para onde mais tarde foi removido, possui-o o mesmo espírito febril, e a idéia, que se tornara fixa, da história pátria. Em Simancas, como em Sevilha, na Biblioteca Columbiana, como na do Escorial, colige a messe opulenta que ninguém ainda teve tão completa, e, quando enfim saiu à luz a sua *História*, podia gabar-se de que um só fato não existia que não tivesse pessoalmente examinado, ao passo que os fatos materiais por ele descobertos, ou retificados, igualavam, se não excediam, aos que todos os seus predecessores tinham aduzido (ABREU, [1878] 1975, p. 84).

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), Oliveira Lima aprofundou as descrições do “ethos” germânico e paulista do visconde de Porto Seguro, dando relevo para a figura de seu pai, tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, mineralogista “que restaurou e administrou a conhecida fabrica de ferro de Ipanema e que com Eschwege, Debret, os Taunay e tantos outros, fazia parte do grupo de europeos do Norte, ao qual o Brazil deveu um inestimável concurso intelectual nos começos da sua existencia de nação independente” (LIMA, RIHGSP, v. 13, 1908: 67).

Para Oliveria Lima, Varnhagen seria um precioso exemplar para a comprovação da teoria de Hippolyte Taine sobre a influência da raça, do meio e do momento na vida do homem, uma vez que

Da raça germanica recebeu elle em legado o amor ao trabalho aturado, a paciência na elaboração de uma obra, o cuidado na exactidão dos resultados, que a sua educação de engenheiro só podia ter fortalecido. Vindo para Portugal aos oito annos, criou-se entre aquella geração do *Panorama*, ávida de regeneração mental, seduzida pela evocação do longiuquo passado nacional, dominada pela grande corrente de curiosidade historica de que fallava Thierry. Os primeiros ensaios de Varnhagen, depois das *Refflexoens criticas* encontrão-se precisamente no mencionado órgão da propaganda romantica – tomando esta expressão no seu sentido mais largo e mais levantado – collaborado por Herculano, Oliveira Marreca, Rebello da Silva e tantos illustres escriptores do tempo. O *meio* e o *momento*, portanto, não podião ser mais propicios ao desabrochar dessa vocação de historiador, cuja corolla ainda desmaiada se volvia, sequiosa de luz e de calor que lhe avivassem as cores, para o sol magnífico que doura cada dia o píncaro do monte Paschoal (LIMA, RIHGSP, v. 13, 1908: 67).

Neste parágrafo, Oliveira Lima conseguia sintetizar os três aspectos básicos para construção do perfil do seu biografado – a origem, o lugar e o contexto. Para ele, a viagem para Europa e a convivência com a sua efervescência cultural e política contribuíram para sua formação intelectual. A sua opção pela história estaria na confluência da herança germânica e paulista com o amor à terra natal e a atmosfera cultural de Portugal na qual se formou.

Em sua *Vida e obra de Varnhagen*, Clado Ribeiro de Lessa também fez referência às marcas desta origem germânica e paulista do visconde de Porto Seguro, enfatizando o papel de sua mãe no despertar do amor pelo Brasil:

Portuguêsa de nascimento, tendo ou não antepassados no Novo-Mundo, a verdade é que D. Maria Flávia de Sá Magalhães soube transmitir a seu illustre filho, além do culto das

virtudes a que foi sempre fiel como homem e como funcionário público, um grande e nunca desmentido amor pela terra de nascimento e pátria de opção, pois, como teremos adiante oportunidade de ver, Varnhagen teve de lutar pelo reconhecimento de sua cidadania brasileira. Tendo-a conquistado com esforços e sacrifícios, serviu-a com zelo e superior inteligência durante toda a vida. Da raça paterna herdou Francisco Adolfo a inclinação para os estudos aturados e originais, o gosto pelo apuro das minúcias, e a tenacidade e orgulho que sempre revelou em defender, contra tudo e contra todos, suas convicções, filhas dos resultados a que chegava em virtude de pesquisas próprias, conduzidas com o máximo rigor de exegese (LESSA, RIHGB, v. 223, 1954: 92).

A mistura dos sangues germânico e bandeirante, que corriam pelas veias de Varnhagen, segundo Oliveria Lima, explicaria seu temperamento duro e polêmico diante das questões de seu tempo. Essa identidade, por exemplo, não poderia gerar

sentimentalismo sobre o que assentou em boa parte a corrente indianista da nossa literatura. E como teve sempre a coragem das suas opiniões, mesmo se apodadas de pouco humanitárias, sustentou-as com convicção quando vinha a propósito, e com vivacidade ao travar a tal respeito com o illustre prosador maranhense João Francisco Lisboa a polémica de que ficou por memória o folheto – *Os Índios Bravos e o Sr. Lisboa* (LIMA, RIHGSP, v. 13, 1908: 71).

Justamente essa rigidez de temperamento germânico foi a que lhe rendeu, além das qualidades de disciplina e obstinação, a pecha de orgulhoso entre os desafetos dentro e fora do IHGB<sup>3</sup>, como observou o consócio Joaquim Manuel de Macedo:

Escrevendo sobre a historia, elle não procurava discutir nem averiguar mais: dictava as sentenças; em sua consciência de mestre, que realmente era, julgava sem apelação: era Pythagoras *magister dixit*. Recebeu castigo na revolta de outros escriptores de alto merecimento, que em honra da philosophia da historia quebraram lanças com elle, ferindo-o no seu orgulho de historiador.

Cada homem tem suas fraquezas: Achilles foi morto vulnerável só pelo calcanhar; Hercules teve a tunica de Dejanira, que é a imagem do dominio do mais forte pela paixão, que o enfraquece e abate; Varnhagen peccou pelo orgulho; mas no seu tempo não houve, quem na seara imensa que elle immenso cultivou tivesse mais escusas para o seu peccado de orgulho. Que outros mais pequem assim, e a historia da patria fulgurará esplendida” (MACEDO, RIHGB, t. 41, 1878: 488).

---

<sup>3</sup> A dureza do temperamento de Varnhagen seria retomada também por Basílio de Magalhães, em 1928: “conforme acertadamente ainda pondera Oliveira Lima, - “o nosso historiador tinha qualidades negativas em diplomacia: era um impulsivo com rompantes de colérico e que se deixava instigar por considerações de equidade e de pundonor. Para elle, a diplomacia não era arte suprema de engulir desfeitas e disfarçar desaires. Achava-a compatível com a franqueza e a honestidade. Repugnava-lhe mentir, mesmo por conta de outros, e o que era justo, não via muito bem porque devesse occultal-o”” (MAGALHÃES, RIHGB, v. 158, 1928: 909).

Em artigo de 1882, Capistrano de Abreu esboçou imagem semelhante da personalidade do autor de *Historia geral do Brazil*, lembrando que este não tolerava a contradição. Era implacável com seus contemporâneos, a valentia do *ethos* bandeirante se fazia presente nos seus juízos, e “raramente foi, não diremos benévolo, mas justo”. Além disso,

Com os que o precederam, Varnhagen não raro é injusto. As Memórias do Rio de Janeiro de monsenhor Pizarro, considera “uma obra confusa e até às vezes obtusa”, não se lembrando de que muitos fatos, de que se aproveitou, bebeu-os aí.

No livro de Southey ele nota “*falta de nexo e cansada repetição de insonsas descrições*”, e acha-o “*mais do que uma história com a competente concisão e unidade, memórias cronológicas coligidas de muitos autores e vários manuscritos*”. (...)

Estas e muitas outras feições do seu temperamento o tornam geralmente antipático. É preciso tê-lo lido não uma, porém repetidas vezes, - lê-lo só uma é o mesmo que lê-lo nenhuma -, é preciso descobrir suas qualidades por baixo de seus defeitos, familiarizar-se com suas idéias, para compreender-lhes o alcance, ter feito parcialmente o trabalho, de que ele apresenta a suma, comparado com os que precederam e com os que se lhe seguiram, pesar a soma dos fatos que incorporou definitivamente à nossa história, para tê-lo na devida consideração, não chocar-se com seus modos rudes e afogar os desgostos passageiros numa admiração calma, franca e de raízes bem profundas (ABREU, [1882] 1975: 144; 145; 146).

Descrições próximas do temperamento do visconde de Porto Seguro ocuparam as páginas do discurso de Pedro Lessa, em 1916. Ao selecionar trechos de seus escritos, procurou dar uma noção nítida e clara do historiador, espelhando as virtudes e defeitos de espírito: “o constante amor á verdade e á justiça, a áspera franqueza, uma evidente ingenuidade e um temperamento violento, de envolta com um escrupuloso cuidado, e não raro meticulosa minuciosidade, no expor os factos e no manifestar os seus juizos.” (LESSA, RIHGB, t. 08, 1917: 620-621).

Em artigo de 1967, corroborando com as afirmações de Pedro Lessa, Hélio Vianna definiria Varnhagen a partir de sua origem germânica como “vaidoso, orgulhoso e teimoso, procurando polêmicas e não temendo o risco das opiniões arrojadas, não era homem de fácil trato, conquanto educado e terno, e até cozinheiro amador, na intimidade” (VIANNA, RIHGB, v. 255, 1967: 198).

No discurso de comemoração do cinquentenário de sua morte, no IHGB, Basílio de Magalhães, influenciado pela ideologia da paulistanidade da elite intelectual paulista do IHGSP, não fugiu ao relato da origem de Varnhagen feito pelos biógrafos precedentes e reforçou a figura

do bandeirante.<sup>4</sup> O conferencista lembrou a origem paulista do visconde de Porto Seguro, nascido no “rincão de Sorocaba seis annos antes de conquistar a nossa pátria a soberania politica.” Assim como Manuel de Oliveria Lima, afirmou que o sangue germânico tinha lhe incrustado no espírito “as mais peregrinas virtudes da vigorosa raça ancestral, entre as quaes sobreexcele a do aturado esforço mental, pois o allemão, – conforme um paradoxo do nosso insigne Joaquim Caetano da Silva – “estuda 28 horas por dia”” Do lado materno, a herança portuguesa, formadora do povo bandeirante, “fez-lhe desabrochar no coração um profundo e luminoso amor pela “patria de nascimento e de adopção”” (MAGALHÃES, RIHGB, v. 158, 1928: 896).

Por conta dessa descendência dos bandeirantes paulistas, segundo as biografias, Varnhagen era um viajante por excelência,<sup>5</sup> tendo desbravado do litoral ao interior da sua pátria. Suas expedições, ao que permite deduzir desses discursos, pretendia integrar as partes do Brasil que os seus antepassados haviam conquistado, ampliando as fronteiras da colônia, planta de que se originou a nova nação. Instituíam-se, dessa forma, a imagem, repetidas vezes dita, do historiador-bandeirante. A descrição das suas incursões pelo vasto território brasileiro feitas por Basílio de Magalhães, repetindo o necrológio de Capistrano de Abreu, enquadrava essa memória de desbravador do Brasil do século XIX (MAGALHÃES, RIHGB, v. 158, 1928: 896-897).

Na biografia de Renato Sêneca Fleury, o desejo de esmiuçar a origem de Varnhagen superou as fronteiras da época do seu nascimento. Além de mencionar o seu *ethos* germânico e paulista, o biógrafo apresentou sua árvore genealógica, que tinha raízes no século XV, às vésperas do descobrimento do Brasil:

A genealogia dos Varnhagen pode ser conhecida desde fins do século XV. O antigo nome da família era Von Ense, diz F. Sommer na *Revista do Instituto Heráldico Genealógico* (S. Paulo, ano IV, nº 7), sendo que o nome Varnhagen ter-se-ia constituído pela junção dos dois nomes Von Ense e Varnhagen, o primeiro comum a duas aldeias vizinhas da cidade de Soest, e o segundo, que era o de um castelo situado na floresta de Arnsberg.

---

<sup>4</sup> Para Luis Fernando Cerri, a paulistanidade foi a ideologia forjada pela oligarquia paulista que consistia “na criação de uma identidade de ordem regional, valorizando a condição de pertencente ao Estado (numa operação de homogeneização, nível das idéias, de seus habitantes), ao mesmo tempo em que institui uma série de valores e características como próprias da condição de paulista e, para sacramentar essa construção, oferece uma explicação para essa situação por meio do recurso à História Regional, que aponta o bandeirante como ancestral, civilizador, patriarca do paulista.” (CERRI, 1998: 115-136). Cf. ABUD, 1986; CERRI, 1997.

<sup>5</sup> A metáfora do “historiador-viajante” é desenvolvida por CEZAR, 2007, p. 1-27.

O nome da família apareceu por volta de 1500, em Iserlohn. Adandonou-se, porém, o nome Von Ense, permanecendo o de Varnhagen (FLEURY, 1952: 13).<sup>6</sup>

Ao associar a história da família de Varnhagen com os tempos das grandes viagens e navegações, o biógrafo sorocabano desejou criar um ponto comum entre a origem da nação e do seu primeiro historiador. Essa conexão ficou mais evidente na descrição feita da casa dos Varnhagen, no termo de Ipanema, em Sorocaba. A residência, o lugar do nascimento do “pequeno fundidor”, apresentava características coloniais, lembrando as que habitavam os povoadores portugueses. A casa do Ipanema poderia ser encontrada em todo o Brasil “desde que as naus cabralinas imergiram ferros, alvissareiramente, nas acolhedoras águas de Pôrto Seguro.” Ela congregava o símbolo da origem da nacionalidade – a casa-grande. A figura do português colonizador era o símbolo eleito por Varnhagen para definir o motor da civilização brasileira.

Penetrar-lhe os mais do que centenários umbris, contemplar-lhe as pesadas linhas da estrutura, aquêles madeiros carpentejados a enxó, as largas portas e janelas de grossos batentes e fôlhas espêssas, desgraçosas e sólidas, que, apenas movidas, rangem nas articulações dos velhos e grosseiros gonzos, ouvir a surda percussão dos passos nas largas e encurvadas tabus do escuro soalho, é como que penetrar no próprio passado, não do lugar, não apenas do Ipanema, porém de todo o Brasil, desde que as naus cabralinas imergiram ferros, alvissareiramente, nas acolhedoras águas de Pôrto Seguro.

A casa é um daqueles vetustos solares coloniais, sob cujos tetos, em Pernambuco ou em São Paulo, na Bahia ou em Minas, no Norte, ou no Centro, ou no Sul, homens de têmpera de aço se harmonizaram para repelir o estrangeiro invasor, ou para organizar bandeiras ou ainda concertar ousados planos de independência ou conjuras republicanas, argamassando as bases inconcussas e inabaláveis da nação brasileira (FLEURY, 1952: 21).

Para Renato Sêneca Fleury, apresentar a casa colonial da família do visconde de Porto Seguro, lembrando que esta seria um exemplo dos “evocadores monumentos de nossas mais encarecidas tradições”, era uma forma de determinar (ou criar uma mística sobre) seu destino em virtude do seu lugar de nascimento. Ao escrever a história do Brasil colonial, o historiador Varnhagen estava cumprindo a missão de cultivar a sua própria casa, pois a origem do seu país

---

<sup>6</sup> Para o biógrafo, Varnhagen admirava tanto seu pai que o homenageou nas páginas História geral do Brasil: “Éle próprio as fêz, detidamente, amoroso e sincero, com elas enchendo tôda a magnífica Secção LIII de sua História Geral do Brasil, admirável como tôdas as partes dessa obra monumental, mas encerrando sabores especiais, traduzindo sentimentos íntimos e comovedores, porque nela se manifestam, explicita e implicitamente, os afetos do Visconde para êsses delicados sentimentos, a essas tocantes ternuras do nosso historiador, é um dos modos mais legítimos e expressivos de tributar-lhe homenagem” (FLEURY, 1952: 9). Cf. também CEZAR, 2005: 207-240.



misturava-se com a do “vetusto casarão do Ipanema” e as raízes maternas portuguesas (FLEURY, 1952: 21).<sup>7</sup>

E, seguindo este raciocínio, o biógrafo propunha que a casa colonial do Ipanema também se transformasse, além de monumento do passado brasileiro, em “um lídimo templo da nossa história, porque tem, sôbre os mais, uma glória indiscutível e unicamente sua: agasalhou o bêrço do primeiro e maior historiador nacional” (RODRIGUES, RIHGB, v. 275, 1967: 196) Ali, o Varnhagen criança recebeu os primeiros ensinamentos que moldaram o seu caráter rígido como as jazidas de ferro daquelas terras:

Ali, o áspero trabalho, perene e ruidoso, enchia de movimentos e calores, fumaças e tinidos, chiados, cânticos ou apitos estrídulos, suores e gemidos, por entre as ardências e crepitações dos altos fornos e das fornalhas e forjas coruscantes, um recanto do pátrio solo, destinado, por isso, a imperecível fama, assim também porque nêle teve bêrço o homem que “estremeceu sua pátria e escreveu-lhe a história”.

No lar doméstico Varnhagen recebia lições de modéstia e tenacidade, não apenas ouvidas nos conselhos dos pais, mas bebidas nos exemplos, que êles lhe punham ante os olhos atentos e a inteligência prematura, e vividas nas condutas, que dêle conseguiam.

Dir-se-ia que, nascido no local das famosas jazidas de ferro, o caráter precocemente se lhe enrijecera por uma obra sobrenatural de transubstanciação do rijo metal no espírito em formação do nobre infante (FLEURY, 1952: 23).

O “ethos” de Varnhagen, filho da casa colonial, como destacou Clado Ribeiro de Lessa, permitiu que se estabelecesse uma justificativa genealógica, racial e sentimental para a sua adesão à monarquia e, conseqüentemente, a criação de uma obra que a legitimasse historicamente – instituindo seus mitos fundacionais desde os tempos coloniais:

O monarquismo era, em Varnhagen, sincero, biológico, hereditário; não consistia felizmente, como o de caráter conformista de muitos contemporâneos seus, em mera satisfação da lei do menor esforço em política, a subserviência à ordem estabelecida, que convinha acatar por comodismo; nem, tampouco, prendia suas raízes ao terreno do pragmatismo puro, como sucedia com tantos outros, que apenas enxergavam no império brasileiro uma fórmula de organização provisória, exigida pela necessidade de manter a integridade nacional, enquanto se aguardava o momento propício para o país *se poder*

---

<sup>7</sup> O seu compromisso com a história do Brasil a partir do olhar do colonizador português foi apontada posteriormente por José Honório Rodrigues ao afirmar que: “Responsabilidade e consciência êle as tinha; que a consciência não fôsse tão imparcial quanto êle pensava não importa. Era um historiador comprometido, como somos todos. Varnhagen justificou com mão de ferro o domínio colonial, a submissão do povo, os direitos da minoria mais dominante que criadora, sem cuidar que o grande problema no Brasil é assegurar os direitos da maioria” (RODRIGUES, RIHGB, v. 275, 1967: 196).

*integrar, sem riscos, na ordem republicana do continente.* A essa espécie de monarquistas *ad hoc*, atemorizados pelo espetáculo da anarquia e do caudilhismo hispano-americanos, mas intransigentes partidários teóricos da excelência das instituições republicanas, não pertencia, proclamemo-lo altamente em sua honra, o futuro Visconde de Pôrto Seguro. Tinha bastante bom senso e bom gosto para isso (LESSA, RIHGB, v. 225, 1954: 187).

As tramas em torno do seu nascimento, como se pode verificar nesses textos, envolveram a imaginação dos seus biógrafos, tanto que procuraram sempre revesti-las de significados, predestinações e alegorias. Procurando esclarecer as verdades sobre o assunto, Clado Ribeiro de Lessa tomou o cuidado de transcrever em sua volumosa biografia a carta de Frederico de Varnhagen à D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma, governador e capitão-geral da capitania de São Paulo, anunciando o aparecimento de seu filho. Esta carta-documento assumiria o papel de uma espécie de certidão de nascimento de Varnhagen, a prova documental do início da cronologia de sua vida.<sup>8</sup>

A partir do apelido “pequeno fundidor de ferro”, utilizado pelo pai de Varnhagen para apresentá-lo ao padrinho, Clado Ribeiro de Lessa construiu a apresentação do seu homenageado. Nota-se que o autor adotou o metal ferro, assim como o fizeram os demais biógrafos, para definir o peso e a durabilidade da obra do filho do tenente-coronel Varnhagen:

O fundidor, cuja vinda ao mundo se anunciava, não se dedicou à metalurgia, porém, levado por diferente vocação, soube modelar e fundir em metal resistente à ferrugem do tempo, o maior monumento até hoje erguido à história e à erudição em terras brasileiras. Chamou-se o artista Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Pôrto Seguro; o monumento: uma série de valiosíssimos trabalhos, entre os quais se destaca como peça principal a *Historia Geral do Brasil* (LESSA, RIHGB, v. 223, 1954: 88-89).

Para além da celebração da nação da memória do IHGB, a partir da biografia do autor de *Historia geral do Brazil*, a leitura de trechos desses textos acerca do “ethos” de Varnhagen permite a análise de dois aspectos concernente à noção de identidade – o racismo e o

---

<sup>8</sup> “Participo a V. Ex.<sup>a</sup> que no dia 17 do corrente apareceu nesta Fábrica um pequeno fundido de ferro com uma viagem muito feliz, e como V. Ex.<sup>a</sup> se dignou a ser padrinho dêste pequeno fundidor, e nós desejamos que êle quanto antes fique dedicado à Santa Igreja, rogo a V. Ex.<sup>a</sup> queira mandar uma procuração ou a Muller, que muito deseja me fazer uma visita; ou, quando êste não puder vir, ao Padre Antônio de Azevedo Veiga, irmão de Miguel Antônio. Madrinha é Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba” (Frederico Sommer, Frederico Guilherme Luiz Varnhagen, in: Anuário Genealógico Brasileiro por Salvador de Moya, ano II, 1940, p. 241, citado por LESSA, RIHGB, v. 223, 1954: 88).

regionalismo. As imagens produzidas da existência do historiador sorocabano pautaram-se pela articulação desses elementos determinantes na definição da sua essência, da sua verdade íntima.

O seu destino – ser o maior historiador nacional – estava traçado por uma série de características decorrentes de biologia (raça) e meio (lugar). Em relação ao fator biológico, ele era descendente da genética germânica e portuguesa, logo sua matriz era européia. Em virtude disso, como destacaram os biógrafos, havia herdado pelo sangue virtudes e defeitos inatos, elementos que serviriam para explicar suas ações na trajetória de vida. O atributo da raça, da genealogia, era a chave de interpretação de Varnhagen. Haveria, portanto, uma verdade racial para forjá-lo, que o diferenciava dos outros – aqueles que não se inseriam nos seus referenciais. Este determinismo racial explicava os seus delicados juízos acerca dos povos indígenas e, em larga medida, também acabava legitimando-os para os que comungavam de seu pensamento etnocêntrico.

Ao adotarem o discurso da raça como importante instrumento na construção do discurso de sua biografia, os autores estabeleceram um lugar para Varnhagen dentro de uma hierarquia dos grupos humanos, da sua história e desenvolvimento.<sup>9</sup> As suas escolhas, posicionamentos políticos e paixões se dariam a partir do uso desta categoria naturalizada e essencial. A todo o momento o fator origem seria lembrado para o enquadramento da sua memória. O sujeito Varnhagen era fruto da sua raça, da sua ilha de particularidade. Para Paul Gilroy, a identidade quando se refere

a uma marca indelével, ou a um código de alguma forma inscrito nos corpos de seus portadores, a alteridade só pode ser uma ameaça. A identidade é assim um destino latente. Vista ou não vista, estando na superfície do corpo ou enterrada profundamente em suas células, a identidade aparta para sempre um grupo em relação a outros que sejam desprovidos dos traços particulares escolhidos que se tornam a base para a tipologia e a avaliação comparativa. Não sendo mais um *locus* para a afirmação da subjetividade ou da autonomia, a identidade se transforma. Sua movimentação revela um desejo profundo de solidariedade mecânica, serialidade e hipersimilaridade. O escopo da ação individual diminui até desaparecer. As pessoas se tornam portadoras das diferenças que a retórica da identidade absoluta inventa e as convida para celebrar. Em

---

<sup>9</sup> De acordo com Celia Maria Marinho de Azevedo, “o racismo não deriva da raça, ou melhor, da existência objetiva da raça, seja em termos biológicos ou culturais. O racismo se constituiu historicamente em diferentes contextos sociais do mundo moderno, sistematizando-se como uma prática discursiva à medida que as teorias raciais científicas impuseram a noção de raça como VERDADE. Este processo de racialização das pessoas que compõem uma dada sociedade alcança pleno sucesso sobretudo quando conta com o apoio formal do Estado na construção de uma ordem racial explícita.” (AZEVEDO, 2004: 31-32). Cf também: FOUCAULT, [Aula de 28 de janeiro de 1975] 1999: 75-98.

vez de comunicativos e capazes de fazer escolhas, os indivíduos são vistos como passageiros obedientes e silenciosos movendo-se em meio uma paisagem moral insípida rumo aos seus destinos fixos, aos quais suas identidades essenciais, seus genes e as culturas fechadas que eles criam os têm relegado para sempre (GILROY, 2007: 130).

Além do determinismo racial, o fator meio pesou na conformação da sua identidade. Era “paulista, natural de Sorocaba”, como lembrou Renato Sêneca Fleury, descendente da linhagem dos bandeirantes. Ser nascido em São Paulo significava, pela lógica do determinismo geográfico, assumir uma série de qualificativos – aventureiro, desbravador, viajante – e ter uma missão civilizatória. Varnhagen, no século XIX, cumpria a sina dos seus ancestrais, dava continuidade à epopéia paulista fazendo a história da nação.

Esta imagem do visconde de Porto Seguro como historiador-bandeirante, presente nos textos de Capistrano de Abreu e Oliveira Lima,<sup>10</sup> emergiu com toda força e vitalidade na biografia feita por Renato Sêneca Fleury, membro Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), grêmio congênere do Instituto carioca.

Para Antonio Celso Ferreira, os intelectuais do IHGSP, por intermédio das biografias e genealogias de seus ilustres homens do passado como Varnhagen, buscavam a construção de trajetórias incomuns,

responsáveis por grandes realizações, individuais ou clânicas, fazendo-as transcender os marcos da própria colonização, com base no recuo a um passado longínquo europeu. A nobilitação das personagens revela a ambição de fixar uma epopéia paulista, sustentada por indivíduos aos quais se atribuía uma força superior (FERREIRA, 2002: 128).

No processo de criação do panteão dos seus heróis, além de enfatizar a identidade nacional, era necessário apresentar São Paulo como o motor gerador da nação – dando um enfoque regional para o tema. Era uma maneira de legitimar uma verdade regional: a supremacia de São Paulo como locomotiva histórica, política e econômica do Brasil.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Cabe lembrar que o “elogio à Varnhagen”, de autoria de Oliveira Lima, foi originalmente publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, em 1908.

<sup>11</sup> Segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior, “todo discurso precisa medir e demarcar um espaço de onde se enuncia. Antes de inventar o regionalismo, as regiões são produtos deste discurso. (...) Em nenhum momento, as fronteiras e territórios regionais podem se situar num plano a-histórico, porque são criações eminentemente históricas e esta dimensão histórica é multiforme, dependendo de que perspectiva de espaço se coloca em foco, se visualizado como espaço econômico, político, jurídico ou cultural, ou seja, o espaço regional é produto de uma rede de relações

Temperar a biografia de Varnhagen, entronizado como o “pai da nossa História”, com toques do regionalismo paulista, permitiria completar a cronologia da sua epopéia, uma vez que os moradores “de Piratininga tinham sido os responsáveis pela ampliação do território nacional, enriquecendo a metrópole com o ouro que encontraram em regiões distantes do litoral e levando a civilização para os mais longínquos rincões da América, transformados por eles em possessão portuguesa” (ABUD, 2008: 25) e posteriormente do Brasil.

Além disso, ainda dentro desta lógica, foi em terras paulistas que o príncipe D. Pedro, às margens do riacho do Ipiranga, proclamou a independência do Brasil. E a história desta saga, segundo os biógrafos, só poderia ter sido obra de um filho da terra, descendente da “raça de gigantes”, numa referência à adjetivação feita pelo viajante naturalista francês August de Saint-Hilaire (1779-1853) e incorporada pelas oligarquias paulistas.

De acordo com cada época, interesses e fins, o “ethos” de Varnhagen adquiriu novos significados pelos artífices de sua memória biográfica, mas em larga medida preservando antigas representações da nação e de sua história, seja como símbolo de lealdade à monarquia, seja como um historiador-bandeirante do século XIX, seja como o legítimo exemplar da raça europeia em terras tropicais. E a genealogia e a geografia, como foram observadas aqui, seriam importantes aliadas no processo de determinação de sua identidade essencializada e monolítica.

Temperamento, costumes, escolhas políticas, posições ideológicas e méritos intelectuais do visconde de Porto Seguro eram identificados e justificados com base nestes conceitos essencializantes, amarrando-o ao legado da sua origem. Não havia, por este princípio, lugar para fazer uma genealogia de Varnhagen que se demorasse nas meticulosidades, nos acasos dos começos e na descontinuidade, como sugeria Michel Foucault (FOUCAULT, 1979: 19).<sup>12</sup> Segundo seus biógrafos, ele continuava a ser uma mesma verdade dada e não poderia ser e agir diferente do que estava traçado. Varnhagen seria movido pela raça, meio e contexto (Cf. RIBEIRO, 2009: cap. 1).

---

entre agentes que se reproduzem e agem com dimensões espaciais diferentes” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, 24-25).

<sup>12</sup> Para Margareth Rago, o filósofo-historiador Michel Foucault sempre se pôs em estado de alerta contra a ingenuidade de falar de fantasmas, de contar histórias de personagens imaginados, de estar escrevendo uma “genealogia de fantasmas”, acreditando falar dos indivíduos ‘de carne e osso’” (RAGO, in: ROSSI; ZAMBONI, 2003: 35).

### Referências bibliográficas

ABREU, João Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. In: *Ensaio e Estudos* (Crítica e História). 1ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 81-91.

\_\_\_\_\_. Sobre o Visconde de Porto Seguro. In: *Ensaio e Estudos* (Crítica e História). 1ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 131-145.

ABUD, Kátia Maria. *O sangue intímido e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista, o bandeirante*. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_. Somos todos bandeirantes!, *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 03, n. 34, p. 25-29, jul. 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo, Cortez, 2001.

AZEVEDO, Celia Maria M. de. A Nova História Intelectual de Dominick LaCapra e a noção de raça. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Coleção Idéias 2. Campinas: Gráfica do IFCH-UNICAMP, 2000, p. 121-132.

\_\_\_\_\_. Cota racial e Estado: abolição do racismo ou direito de “raça”? In: *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 23-50.

CERRI, Luis Fernando. *A ideologia da Paulistanidade*. São Paulo: Cone Sul, 1997.

\_\_\_\_\_. Nun Ducor, Duco: a ideologia da Paulistanidade e a escola. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 18, n. 36, p. 115-136, 1998.

CEZAR, Temístocles Américo. Em nome do pai, mas não do patriarca: ensaios sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen. *História*. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 207-240, 2005.

\_\_\_\_\_. Varnhagen in moviment: a brief anthology of na existence. *Topoio – Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 3, p. 1-27, 2007.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

FLEURY, R. S. *Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, "Paulista de Sorocaba"*. Ensaio Bibliográfico (...). São Paulo: Melhoramentos, 1952.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GILROY, Paul. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.

LESSA, Clado Ribeiro. Vida e obra de Varnhagen. *RIHGB*. Rio de Janeiro, v. 223, p. 82-297, abr./jun. 1954.

\_\_\_\_\_. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, v. 224, p. 109-315, jul./set. 1954.

\_\_\_\_\_. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *RIHGB*. Rio de Janeiro, v. 225, p. 120-293, out./dez. 1954.

LESSA, Pedro. (sem título – elogio a Francisco Adolfo de Varnhagen, pronunciado na Sessão Solenne Especial, em 17 de fevereiro de 1916, comemorativa do centenário do nascimento do Visconde de Porto Seguro). *RIHGB*. Rio de Janeiro, t. 80, p. 614-666, 1917.

LIMA, Manuel de Oliveira. Francisco Adolpho Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, v. 13, p. 61-91, 1908.

MACEDO, Joaquim Manuel. (orador). Discurso na Sessão Magna Aniversaria do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro no dia 15 de dezembro de 1878. *RIHGB*. Rio de Janeiro, t. 41, p. 471-506, 1878.

MAGALHÃES, Basílio de. Discurso – Sessão Commemorativa do 50º Anniversario do Falecimento de Francisco Adolpho de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) – realizada em 29 de junho de 1918. *RIHGB*. Rio de Janeiro, t. 104, v. 158, p. 890-975, 1928.

RAGO, Margareth. O historiador e o tempo. In: ROSSI, Vera Lucia S. de; ZAMBONI, Ernesta (org.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2003, p. 25-48.

RIBEIRO, R. R. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de

Brasil Colônia no Brasil Império. Tese (Doutorado em História Cultural). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

RODRIGUES, José Honório. Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil. *RIHGB*. Rio de Janeiro, v. 275, p. 170-196, abr./jun. 1967.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Estado sem nação: a criação de uma memória oficial no Brasil do Segundo Reinado. In: NOVAES, Adaut (org.). *A crise do Estado-nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 349-393.

VIANNA, Hélio. Sesquicentenário de Varnhagen. *RIHGB*. Rio de Janeiro, v. 275, p. 197-200, abr./jun. 1967.